



III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS
Salvador - BA - Brasil

OS ESPAÇOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O TERRITÓRIO DA FAVELA PELA
PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS

Gabriella Bispo Dias (FAU MACKENZIE) - gabibdias.2.6@gmail.com

Graduanda de Arquitetura e Urbanismo na FAU UPM; Integrante do grupo de extensão Mosaico EMAU

Heloisa Bergamin Retamero (FAU MACKENZIE) - heloisa.bergamin@gmail.com

Graduanda de Arquitetura e Urbanismo na FAU UPM; Integrante do grupo de extensão Mosaico EMAU

Juliana Shizue Yoshida (FAU MACKENZIE) - julianayoshida@outlook.com

Graduanda de Arquitetura e Urbanismo na FAU UPM; Integrante do grupo de extensão Mosaico EMAU

Luana Lye H. Terada (FAU MACKENZIE) - lulyete@hotmail.com

Graduanda de Arquitetura e Urbanismo na FAU UPM; Integrante do grupo de extensão Mosaico EMAU



OS ESPAÇOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O TERRITÓRIO DA FAVELA PELA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS¹

RESUMO: O seguinte trabalho apresenta os métodos confeccionados pelo Mosaico EMAU (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo) no desenvolvimento da parceria com a União dos Núcleos Associados de Heliópolis e Região (UNAS). O Mosaico é um projeto de extensão universitária, o qual por princípios prevê a troca de conhecimento entre academia e comunidade. Dessa forma, em uma prática conjunta com os Centros da Criança e do Adolescente (CCAs) desenvolveu-se um projeto que busca realizar o levantamento físico dos centros em estudo, bem como desenvolver para cada um deles um projeto de intervenção. Além disso, a proposta se constrói, principalmente, através de outras práticas sociais como o intercâmbio de conhecimentos básicos de arquitetura e urbanismo com os alunos e educadores da comunidade. Dessa forma, busca-se aqui expor, por meio do estudo de caso, o processo utilizado nas atividades desenvolvidas com as crianças e adolescentes do CCA da Mina, equipamento socioeducacional gerenciado pela UNAS na favela de Heliópolis.

Palavras-chave: Extensão universitária. Heliópolis. Educação.

ST – 5: Outras Práticas Sociais em Favelas, Bairros e Assentamentos

¹ Este artigo foi elaborado pelo grupo de extensão universitária Mosaico EMAU (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo coordenado pela professora dra. Lizete Maria Rubano) dentro do grupo de trabalho (GT) UNAS composto por: Gabriella Bispo Dias, Gustavo Henrique Pereira de Castro, Heloisa Bergamin Retamero, Juliana Shizue Yoshida, Letícia Lotufo, Luana Lye H. Terada, Nathália Conte Mendes Batista e pelo professor dr. Paulo Emílio Buarque como orientador.



1 INTRODUÇÃO

Diante das possibilidades de troca de conhecimento que a academia pode construir com a sociedade civil, parte-se da metodologia desenvolvida durante o processo de leitura do território que ocorreu em uma oficina realizada por estudantes e profissionais, em um dos equipamentos socioeducacionais da UNAS (União dos Núcleos Associados de Heliópolis e região); relatando uma experiência de vínculo de saberes e dinâmicas entre o Escritório Modelo, Mosaico, e a associação de bairro da favela de Heliópolis.

Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) é um projeto desenvolvido pela Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (FeNEA), o qual tem como principal objetivo assessorar demandas sociais de forma não hierárquica. Em parceria com a sociedade civil, o EMAU constrói soluções arquitetônicas e urbanísticas com comunidades organizadas, sendo ele assim um instrumento importante para a formação acadêmica, profissional e social de todos os envolvidos. (FENEAE, 2006)

Alinhado com os princípios da Federação, o EMAU tem como finalidade a aproximação entre a universidade e a atuação profissional por meio de processos e ferramentas que se assemelham a prática da assessoria técnica e dos mutirões autogeridos. Dessa forma, os Escritórios Modelos trabalham em parceria com comunidades que não possuem acesso aos serviços de um arquiteto. (FENEAE, 2006)

Em meio a esse contexto, os mesmos têm origem dentro das universidades como projetos extensionistas, pensando no tripé ensino, pesquisa e extensão, e se caracterizam por práticas universitárias que vão além do entendimento dos saberes apresentados em sala, pensando projetos junto à comunidade. Dessa forma os conhecimentos gerados dentro do meio acadêmico podem ser trocados com o universo fora do mesmo, na intenção de garantir uso prático ao ensino e a pesquisa, estimulando a transformação da realidade social de todos os envolvidos no processo. (FENEAE, 2006)

A partir disso o Escritório Modelo se faz um ambiente de trabalho compartilhado, plural e horizontal, ou seja, um espaço onde não há hierarquia de poder e as decisões são tomadas coletivamente, o que abre possibilidade para plena participação dos seus integrantes



e da comunidade com que se relaciona. Assim, o EMAU valoriza a relação entre as pessoas, num desejo coletivo que torna o espírito de grupo o principal impulso para realização de atividades e construção de saberes. (FENEA, 2006)

Motivado pelo desejo de transformação dos alunos, em 2005, surgiu dentro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie o Mosaico EMAU. Durante seu período de atuação, o escritório modelo teve contato com diversas situações que implicavam precariedade arquitetônica e urbanística as quais lideradas por uma organização coletiva buscavam melhorias. Os trabalhos realizados contam com o apoio de professores orientadores que entendem o funcionamento desse projeto de extensão e são importantes membros no desenvolvimento conjunto.

O Mosaico parte de uma iniciativa dos estudantes de arquitetura e urbanismo diante da necessidade de complementar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, colocando em pauta questões como favelas, assentamentos precários, ocupações irregulares, cortiços dentre outros. Com a colaboração de alunos e professores de arquitetura e outras áreas do conhecimento, o escritório modelo busca não só enriquecer a prática através do aprendizado coletivo com os parceiros, mas também registrá-la para que se torne objeto de estudo e aprimoramento.

O EMAU é uma parte fundamental da formação daqueles participam e o utilizam como um espaço de aprimoramento social e intelectual. Logo, por meio do contato de um antigo membro o escritório vem desenvolvendo desde 2016 um trabalho em parceria com a União dos Núcleos Associados de Heliópolis e Região (UNAS).

A UNAS é uma associação que surge em 1990 na perspectiva de regulamentar a Comissão de moradores de Heliópolis, a qual existia desde de 1978, mas não tinha devida visibilidade frente ao poder público. Definida pelo seu estatuto como uma entidade sem fins lucrativos, ela representa a luta social do bairro além de contribuir para o engajamento e gestão de diversos equipamentos em Heliópolis. Dessa maneira colabora para o desenvolvimento da comunidade baseando-se na solidariedade, autonomia, responsabilidade e **educação** como principais instrumentos de mudança, tendo sua importância pactuada não só



pelos métodos utilizados como também pela amplitude do trabalho e sua escala de abrangência:

“[...] ao longo dos anos, criamos movimentos de base, organizamos os moradores e buscamos parcerias com o poder público, a iniciativa privada e organizações sociais, garantindo o suporte à implementação de projetos, programas e serviços de forma abrangente nas áreas de educação, saúde, moradia, cultura, esporte, assistência social, empreendedorismo, mulheres, juventude e LGBT+, entendendo que há necessidade locais diversas e nossa atuação deve ter como base a educação como instrumento de emancipação.

Atualmente impactando mais de 12 mil pessoas diretamente por mês, por meio de 50 projetos sociais, sendo eleita em 2017 a Melhor ONG do Brasil da categoria desenvolvimento local.” (UNAS,2018)

Frente a isso, a UNAS também gerencia grande parte dos equipamentos públicos comunitários do território de Heliópolis, sendo responsável pelo funcionamento e desenvolvimento de projetos voltados às diversas áreas. Valendo o destaque das disposições legais de 2010 dadas por meio do Decreto de nº 7.341, o qual dispõe sobre a regularização fundiária das áreas urbanas:

“Consideram-se equipamentos públicos comunitários as instalações e espaços de infraestrutura urbana destinados aos serviços públicos de **educação**, saúde, cultura, assistência social, esportes, lazer, segurança pública, abastecimento, serviços funerários e congêneres.” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2010).

Logo, compondo o escopo de equipamentos públicos comunitários da UNAS estão os Centros da Criança e Adolescentes (CCA), equipamentos socioeducacionais que tem como objetivo complementar as atividades escolares (ou seja, como uma atividade de contra período), garantindo às crianças e adolescentes, principalmente em situação de vulnerabilidade, acesso à educação, alimentação e cultura em período integral, contribuindo para o desenvolvimento e conquista da autonomia e cidadania e fortalecendo também os vínculos com a família e com a comunidade. (SÃO PAULO, 2013)

Nesse contexto, os CCAs promovem atividades para faixa etária de 6 a 14 anos, tendo como foco a formação, a partir das demandas do espaço de convivência, bem como dos



interesses e potencialidades dessas idades. Assim, as intervenções são pautadas em experiências culturais, esportivas e lúdicas, trabalhando-se as formas de expressão, interação e sociabilidade, aprendizagem e proteção social. (SÃO PAULO, 2013)

Outra característica dos serviços prestados pelos CCAs é atendimento de crianças e adolescentes com deficiência, submetidas ao trabalho infantil e a outras violações de direitos. A partir disso, os Centros realizam atividades que contribuem para a reinserção dos alunos em contraposição às vivências de isolamento, propiciando experiências que estimulem o desenvolvimento de sociabilidades e ao mesmo tempo previnam situações de risco social. (SÃO PAULO, 2013)

O primeiro contato entre o Mosaico e a UNAS se deu por meio do coletivo Lablaje, que vem desde 2016, ano de sua formação, estudando e militando sobre o tema da urbanização de favelas. Utilizando-se de pesquisas acadêmicas e oficinas de capacitação, o grupo tem realizado um intercâmbio de conhecimentos entre a graduação e grupos vulneráveis. Com esse trabalho consegue-se suprir demandas da sociedade e estender para dentro das frentes de lutas sociais questões técnicas sobre regularização fundiária e habitação de interesse social, que se valem de instrumentos para conquista de seus objetivos e ainda aproximam as demandas reais da cidade nas discussões da academia.

A primeira proposta de atividade dessa parceria foi a realização do projeto de reforma do CCA Parceiros, um dos equipamentos socioeducacionais geridos pela UNAS. O trabalho se desenvolveu pelo período de quase um ano, resultando num material composto pelo levantamento físico da construção, uma análise de ‘deficiências e potencialidades’ do espaço feita pelos funcionários do equipamento, e duas propostas de intervenção arquitetônica para o edifício.

Após a conclusão deste, houve um interesse de ambas as partes, Mosaico e UNAS, em dar continuidade à parceria. Posto isso, o Escritório Modelo propôs, a longo prazo, realizar o levantamento físico de todos os CCAs geridos pela associação, elaborando, se necessário, propostas de intervenções arquitetônicas que pudessem ser realizadas futuramente. Além disso, foi também acordado que o grupo de trabalho iria realizar junto com as crianças e adolescentes atendidos pelos centros, atividades de conscientização sobre questões de



salubridade na arquitetura e reconhecimento do território de Heliópolis do ponto de vista do urbanismo.

Em decorrência, elaborou-se uma atividade teve como principal objetivo criar nos alunos o sentimento de pertencimento ao local cotidiano, abrindo seus olhos para as possibilidades que ali existem, sabendo que o espaço também os influencia.

2 DESENVOLVIMENTO

Em diálogo com o trabalho que vinha sendo desenvolvido pelo Mosaico ao longo desse processo e com as propostas que vinham sendo pensadas e alinhadas aos educadores e aos resultados de outros convívios e experiências na área, optou-se por desenvolver a proposta de conscientização e reconhecimento por meio de uma criação coletiva.

Dada a proposta do EMAU de promover a aproximação entre a academia e a cidade real, a atividade foi desenvolvida na Semana de Arquitetura da faculdade, aberta aos alunos de graduação. Desse modo foi pensada uma oficina que foi dividida em dois dias, o primeiro para imergir no território de Heliópolis, foi subdividido em três momentos e realizado dentro da faculdade, visto que seria um aprofundamento teórico voltado principalmente aqueles que não conheciam a área. O segundo dia, teve como proposta ser realizado no CCA da Mina, sendo dividido então entre manhã e tarde, visto a troca de alunos que se dá entre os períodos.

A semana de arquitetura, também conhecida como Semana Viver MetrÓpole, em 2017 foi formulada sob três conceitos: o desejo de aprender, o desejo de comunicar e o desejo de viver bem. Dessa forma, a atividade que se deu no segundo dia da oficina tratava a temática das favelas a partir de um enfoque prático, abordando o território de Heliópolis sob a reflexão do “viver bem”.

O primeiro dia com um viés mais teórico, possuía três momentos, o primeiro tratou do processo de formação das favelas, que foi contemplado por uma roda de conversa onde discorreu-se dos pontos que constituem a favela, como a urbanização de baixos salários (MOREIRA, 2017), localização e segregação (Figura 1). Esse panorama possibilitou entender uma opção de construção de cidade que deixa à margem famílias de baixa renda e em condições de vulnerabilidade social.



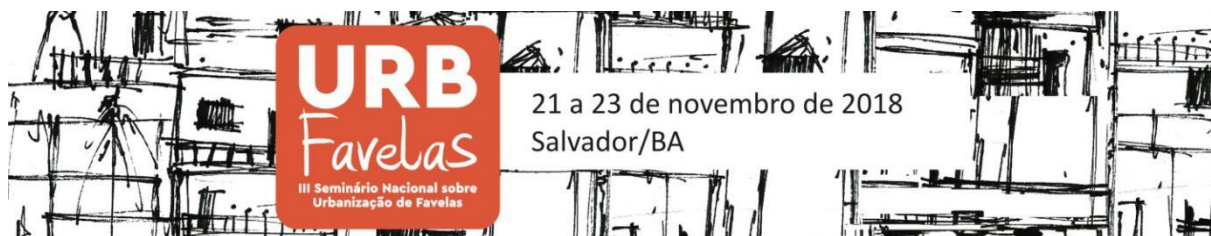
Num segundo momento foi colocado o contexto e história de Heliópolis, através da tese de mestrado de um dos integrantes do Lablaje, Felipe Moreira (2017), a qual traça esse panorama e estuda, em específico, alguns conjuntos habitacionais. Por fim, foi realizado uma mesa com pessoas que atuaram no território em diferentes aspectos, sendo estes: os professores da FAU Mackenzie Carlos Sant'Anna e Celso Sampaio, que atuaram na secretaria de habitação em momentos distintos; o arquiteto Ângelo Cecco que tem um projeto de habitação social executado em Heliópolis e, como mediadora, a professora da FAU Mackenzie Lizete Maria Rubano, que também atuou na Secretaria da Habitação da cidade de São Paulo.

Figura 1: primeiro dia de oficina na universidade.



Fonte: Mosaico (2017)

Colocadas as particularidades e complexidades do espaço de estudo, o segundo dia da atividade consistia em ir para um dos Centros da Criança e do Adolescente, o CCA da Mina, e trabalhar questões do espaço urbano com as crianças. Nessa atividade foi possível verificar o



que elas encontravam no caminho, seus desejos de cidade e em um segundo momento ir a campo para entender os trajetos e criar possibilidades de atuação, que se deram através dos desenhos realizados ao final do dia (Figura 6).

Assim a atividade no CCA foi realizada em dois períodos: no período da manhã, as crianças foram separadas em dois grupos. Inicialmente ambos desenharam o pedaço de cidade presente no trajeto feito de suas casas ou escolas para o CCA e, em seguida, desenharam algumas vontades e intervenções as quais se gostaria que estivesse presente no percurso (Figura 2). Posteriormente as crianças também identificaram os pontos marcantes próximos ao CCA (CEU, praças, casas próprias, etc.) através de mapas aéreos (Figura 3).

Figura 2: segundo momento da atividade com as crianças no CCA.



Fonte: Mosaico (2017)

Como resultado das conversas com as crianças sobre seus cotidianos diversos desenhos de propostas de intervenção acabaram surgindo, como por exemplo a criação de



lanchonetes *fast-food*, uma piscina, um *shopping* ou uma quadra de futebol. Para estimular mais o olhar no entorno algumas coisas precisaram ser provocadas, como a necessidade de espaços verdes para amenizar a sensação térmica ou de áreas de permanência para a realização de atividades físicas ou de lazer. Dessa forma, buscou-se instigar nas crianças não apenas o olhar particular de cada um para com a comunidade, mas também uma perspectiva coletiva sobre o conforto e a qualidade espacial para todos os moradores da cidade.

Figura 3: atividade de desenho com as crianças no CCA.



Fonte: Mosaico (2017).

Posteriormente, no período da tarde, cada criança se juntou com um dos alunos de graduação, pós e educadores que participaram do primeiro dia da oficina para um passeio pelo entorno do CCA, com o intuito de conhecer o espaço através do olhar das crianças. Dentre os locais percorridos ganharam destaque uma praça pública fora do território da favela e uma outra praça, rebaixada em relação a rua e lindeira a um córrego (Figura 4), uma área baldia próxima ao conjunto habitacional projetado pelo arquiteto Ruy Ohtake em Heliópolis.



O trajeto se encerrou no CEU Heliópolis (Figura 5), onde foi proposta a atividade de “arquitetos por um dia” em que as crianças, junto de seus novos colegas da faculdade, propuseram intervenções em um dos lugares visitados, desenhando um novo plano para aquela situação.

Figura 4: atividade com as crianças de reconhecimento do espaço.



Fonte: Mosaico (2017).

Dos desenhos particulares surgiram desejos comuns como equipamentos de parquinho (Figura 6), bancos, árvores, bicicletários, além de reflexões importantes sobre a cidade, como a possibilidade de existir um rio sem contato com o esgoto ou de espaços livres que sejam seguros. As intervenções, em sua maioria, se construíram como contraposições aos espaços existentes, como por exemplo as praças que viram pontos de usuários de drogas ou as ruas estreitas com constante passagem de veículos.

Num momento final de conversa sobre o que foi realizado dois pontos ganharam ênfase em meio às inquietações, foram estes, que todos os moradores, inclusive as crianças, podem intervir de maneira positiva nos espaços públicos e que ser arquiteto é fácil.



Figura 5: atividade final de desenho de propostas de intervenção



Fonte: Mosaico (2017).

Para avaliar o impacto que a atividade teve na comunidade, foi feita uma reunião de retorno com os educadores e foram levantados alguns pontos importantes para próximas iniciativas. Primeiramente houve uma devolutiva positiva por parte das crianças que participaram, principalmente do período da tarde que ocorreu ao ar livre, uma vez que atividades no espaço público não são rotineiras no cotidiano do CCA. Adjunto a isso, foi feita a proposta de oficinas futuras em que as crianças olhassem de maneira positiva para os espaços que as rodeiam, já que há ainda um estigma sobre os moradores e o território da favela como um lugar precário e perigoso, estereótipo este que o escopo de atividades dos CCAs tenta desconstruir.

Em contrapartida foi levantado pelos educadores que o tamanho do trajeto percorrido foi muito extenso, visto que era um dia quente e o percurso se tornou cansativo, principalmente para as crianças menores.



Figura 6: desenhos feitos pelas crianças na atividade final.



Fonte: Mosaico (2017).

Ainda assim a iniciativa gerou um novo olhar sobre o território em diversos aspectos. Por se tratar de uma caminhada coletiva foi possível entender a perspectiva e o cotidiano das crianças que possuem rotinas diferentes e fazem uso da cidade de formas ímpares. Num outro momento propositivo elas imaginaram e desenharam propostas de intervenção para o espaço, o que proporciona abertura para uma discussão sobre o entendimento das crianças sobre o que é uma cidade mais justa, construída através da participação e discussão coletiva.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O funcionamento de uma faculdade se baseia no tripé: ensino, pesquisa e extensão; e a partir deste que ela trabalha para alcançar seus propósitos essenciais, ou seja, atingir os objetivos básicos de uma formação profissional bem como criar e disseminar novos conhecimentos. A extensão, tem como propósito o contato entre a academia e o território real, possibilitando o diálogo, articulação e ingresso da universidade na dinâmica da sociedade. Projetos de extensão se caracterizam por viabilizar essa troca de experiências e



conhecimentos, sem haver sobreposição ou rejeição dos saberes de nenhuma das partes durante o processo.

Ao desenvolver um trabalho com a comunidade, o grupo de trabalho responsável pelo desenvolvimento da atividade tem sempre como maior objetivo a transformação dos envolvidos. Essa transformação acontece quando todos aprendem algo novo, e ensinam ao outro algo novo. Para os estudantes o aprendizado muitas vezes é retirado da possibilidade de vivenciar e atuar num contexto concreto, no qual os parceiros têm vontades e opiniões, e o projeto envolve diferentes campos do conhecimento, além de estar sujeito às mudanças inesperadas do mundo real.

Dentro da graduação, a extensão exerce um papel essencial na formação do futuro profissional, uma vez que possibilita aos estudantes a vivência e atuação num contexto existente, lidando com parceiros que expressam suas vontades e opiniões sobre o projeto. Além disso, também é trabalhada a interdisciplinaridade, uma vez que em um projeto arquitetônico não se pode ignorar as questões econômicas ou sociais ligadas à proposta. Sendo assim, a conclusão do trabalho ocorre quando os conhecimentos ensinados e aprendidos são concretizados em algum tipo de projeto ou atividade, que eventualmente podem ser replicados em outras situações.

Ao possibilitar a interação dos estudantes com o território real, os projetos de extensão possibilitam conseqüentemente discutir questões dadas dentro da sala de aula na criação dos projetos desenvolvidos, e trazer questões identificados no mundo externo para dentro da universidade. Além disso, colabora para o reconhecimento da importância do saber oriundo do senso comum, ou seja, um saber empírico que construiu e constrói grande parte das cidades.

Por fim podemos também citar a satisfação que domina os envolvidos na conclusão de um projeto, principalmente quando este tem ligação com algum tipo de injustiça social, pois mostra, minimamente, a possibilidade de mudança.

Após a primeira experiência do Mosaico com a UNAS através do CCA Parceiros, em que foi feito um projeto de reforma para o espaço, foi dada continuidade a colaboração com a associação, e nessa segunda fase do Grupo de Trabalho (GT), o mesmo foi focado no estudo e



levantamento dos demais CCAs, e caso fosse necessário seriam estudadas possibilidades de intervenção arquitetônica para melhores adequações em questões de conforto e salubridade dos espaços.

Pelo fato de estar trabalhando em parceria com equipamentos educacionais que lidam com a formação pessoal de crianças e adolescentes, o grupo consentiu que seria essencial que estes, além dos educadores, participassem também das dinâmicas e das atividades de conscientização do ponto de vista da arquitetura e do urbanismo. Dessa forma houve uma maior troca de conhecimentos e experiências entre as crianças e adolescentes que moram em Heliópolis e possuem uma relação íntima com o bairro e os membros do GT que possuem diferentes vivências.

Após a principal atividade, realizada durante a Semana Viver Metrópole, e sua devolutiva, o grupo seguiu com as colaborações estabelecidas elaborando outras atividades que fossem cada vez mais aprimoradas e aprofundadas, esforçando-se para que todo conhecimento produzido e gerado pelo GT durante esse tempo ficasse registrado para futuros estudos como ferramenta.

Logo, a partir da atividade desenvolvida no CCA Mina os resultados foram diversos. Dentre estes o Mosaico estreitou seu contato com a comunidade e com a UNAS, de forma que é cada vez mais efetiva a parceria que vem se construindo. Além disso, a realização das atividades com as crianças e adolescentes se construiu como principal foco de atuação do escritório, fazendo com que a troca de experiências e conhecimentos seja mais intensa e duradoura do que apenas o processo de levantamento e projeto.

As atividades têm como finalidade expandir os conhecimentos dos envolvidos sobre o território que os cerca, dessa forma os estereótipos sobre os espaços periféricos da cidade são desconstruídos tanto para os estudantes quanto para os moradores de Heliópolis. Durante a atividade, as crianças puderam compartilhar a sua relação com o espaço público e a dinâmica de suas casas e através desse contato percebe-se que a rua é o quintal das pessoas em Heliópolis, e que a salubridade das construções é um dos principais temas que precisa ser abordado com mais frequência tanto nas atividades quanto pela própria associação com os moradores.



Todo o processo de aproximação da comunidade organizada, de reconhecimento do seu funcionamento e princípios, da elaboração de uma atividade e de transferências mútua de saberes contribui, assim, para romper a barreira da favela como um espaço esquecido e elaborar questões de sua organização enquanto parte da cidade e reprodutora de conhecimento, compactuando com seu encargo pedagógico de estimular o desenvolvimento social dos moradores principalmente através das crianças.

REFERÊNCIAS

- Livro

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ARQUITETURA E URBANISMO. (2006). POEMA: Programa de Orientação de Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo. Goiânia, Brasil.

- Monografias, dissertações e teses

MOREIRA, Felipe de Freitas. **Heliópolis e as estratégias de enfrentamento da cidade real**. 2017. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

- Leis

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Constituição (2010). Decreto nº 7341, de 22 de outubro de 2010. Decreto Nº 7.341, de 22 de Outubro de 2010. Brasília, DF, 22 out. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Decreto/D7341.htm>. Acesso em: 03 maio 2018.

- Sites

SÃO PAULO. Prefeitura de São Paulo. Secretaria de Assistência Social. Centro para Crianças e Adolescentes (CCA).2013. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/>. Acesso em: 27 abr. 2018.

UNAS (São Paulo). União dos Núcleos Associados de Heliópolis e Região. Nossos Projetos. Disponível em: <<https://www.unas.org.br/projetos>>. Acesso em: 03 maio 2018.